

Transcrição da fita número 11.255

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

VEREDA - CENTRO DE ESTUDOS DA EDUCAÇÃO

Apresenta: O EDUCADOR DA LIBERDADE

Não se pode falar em Educação sem se mencionar o nome deste homem: Paulo Freire.

Paulo nasceu em Recife, em 1921. Na sua juventude abandonou a carreira jurídica para se dedicar à uma pedagogia que atendesse aos interesses das classes mais oprimidas. Sua meta era que as pessoas aprendessem a ler não somente as palavras mas também o mundo. Por essas idéias, Paulo foi considerado subversivo pelo governo militar brasileiro instaurado em 1964 e obrigado a passar 16 anos no exílio.

Dois fatos importantes marcaram o início de sua carreira de educador: O casamento com Elza Maria Costa e a experiência de trabalho no SESI, Serviço Social da Indústria no Recife.

PAULO FREIRE:

" Eu considero isso um ponto marcante na minha vida de educador; ao lado, naturalmente, do meu casamento com a Elza, com minha primeira mulher e que foi uma excelente educadora e que exerceu sobre mim uma influência indiscutivelmente extraordinária. Eu, às vezes, fico pensando que a Elza exerceu mais influência em mim do que eu nela. Eu não diria que eu não exerci influência na Elza porque eu acho que dificilmente alguém pode ser influenciado sem influenciar. Quer dizer, isso não existe.

Particularmente, acho que ela foi, numa certa forma muito própria de ser silenciosa, incisivamente pedagoga de mim e ela teve um papel indiscutível na minha vida, durante um longo período em que vivemos sem hiatos, casados, durante 42 anos. É um tempão. É um negócio fantástico.

Elza era uma grande educadora, e que inclusive não acreditava que eu fosse outra coisa que não educador mesmo, entendeu? Eu me lembro de uns sonhos que eu andei tendo na minha mocidade, de ser juiz de direito, de fazer uma carreira por aí e ela me dizia rindo: apesar de todo o respeito que eu tenho pela magistratura, eu acho que você é mesmo um educador.

Durante muito tempo, muita gente pensou em mim, ou falou em mim como se eu fosse um especialista em métodos e em técnicas de alfabetização de adultos. Eu gostaria de dizer que se fosse isso verdadeiro eu não me sentiria mal. Quando eu tento explicar melhor, falar da verdade mesmo, da minha presença na história da educação brasileira, não que eu ache que ser um especialista em alfabetização de adultos seja uma coisa inferior. De jeito nenhum! Eu acho uma coisa de uma importância enorme, mas a minha preocupação, desde o começo, era um pouco mais gulosa do que essa. O que eu já buscava, já naquela época, nos anos 50, era uma crítica à educação brasileira, o que incluiria nessa crítica, a crítica ao formalismo mecanicista das práticas de alfabetização de adultos. "

Das experiências do SESI, Paulo sempre se recorda de uma das primeiras reuniões de pais da qual participou. Um humilde trabalhador, em uma reunião noturna, mostrou-lhe uma face da realidade que ele desconhecia.

PAULO FREIRE:

" E ele dizia: Eu agora, por exemplo, vou querer fazer uma comparação ou umas comparações entre como o doutor vive e como nós vivemos para explicar toda essa questão de bater em filho, de dialogar com o filho. Por exemplo, eu não conheço a casa do doutor, onde o doutor mora, mas eu não tenho dúvida de que ele mora numa casa "solta" dos dois lados.- Essa é uma expressão nordestina para uma casa de tons livres.- Como essa casa. É livre desse lado, livre do lado de lá, solta no terreno. Ele deve morar numa casa solta dos dois lados, deve ter um jardimzinho na frente com uma graminha inglesa. Aí diz: Quantos filhos o senhor tem? Eu disse: eu tenho cinco, três meninas e dois meninos. Ah! Muito bem, então a sua casa deve ter um quarto muito bom para o senhor e para sua mulher. Deve ter dois quartos grandes onde devem dormir as três meninas. Em um pode dormir a mais velha num quarto só, no outro dormem mais duas meninas e no terceiro dormem os dois meninos. O senhor deve ter um quarto para seus livros. O senhor é doutor, tem que ter livro. Tem uma boa cozinha com toda linha Arno. - Isso era uma coisa que nos anos 50 se falava muito, da linha Arno. Eu nem me liguei que estou fazendo propaganda da linha Arno.- Então tinha batedor, tinha isso. Toda uma série de instrumentos primeiros e técnicos de cozinha. O senhor deve ter um chuveirinho elétrico, toma o seu banhinho morno. Tem uma sala boa para comer. Os meninos têm comida, têm leite, têm roupa, têm médico. Basta dar um espirro e a sua mulher chama o doutor. O doutor vai lá, o tal do pediatra. Examina os meninos e dá o remédio. Quando o senhor chega de noite em casa eles já estão de banho tomado. Eles tomam a sopinha deles, tomam a benção do pai e vão todos dormir direitinho depois que brincam. E o senhor fica só ouvindo a sua mulher que vê um cineminha se quiser, vai visitar

um amigo, volta para casa mais tarde. O senhor dorme bem. Deve ter ventilador, no mínimo. Agora, se o senhor não tiver diálogo com seus meninos, o senhor é que não merece respeito nenhum. Agora, como é que nós moramos: Numa casa que tem um quarto só que é tudo. É banheiro, é sala, é quarto de dormir, é tudo. Com os cachorros misturados. Quando nós chegamos em casa às oito horas da noite, sete horas da noite, os meninos estão endiabrados porque não comeram bem, estão sujos, não tem água para tomar banho, porque a gente não tem chuveiro elétrico, a gente não tem água em casa. Os meninos estão com fome, chateados, cansados, aborrecidos, impertinentes e nós não podemos deixar de dormir porque no dia seguinte, às quatro horas da manhã, a fábrica apita para acordar o bairro inteiro. E é isso mesmo! As fábricas despertam a cidade, não é apenas o seu operariado. E aí dizia ele: Agora, como é que o senhor vai querer que com uma situação como essa, a gente tenha o diálogo que o senhor quer.- E eu morto! Quer dizer, o homem fez naquela noite, uma análise de classe que eu não tinha sido capaz de fazer.

Naquele momento, eu comecei a aprender com a classe trabalhadora, o que significava ser uma consciência dependente, uma consciência política dependente. Todo o problema da alienação, o cultural, o individual, isso tudo foi ficando muito claro para mim na minha primeira fase de trabalho."

Em Angicos, uma pequena cidade no sertão do Rio Grande do Norte, à beira da antiga estrada de ferro, começaram uma revolução.

É uma revolução de verdade, séria, bem organizada. Sua primeira fase durou apenas 40 horas.

É uma pequena revolução cristã. O alvorecer de autêntica reforma de base que está repercutindo em todo o Brasil e que possivelmente logo envolverá o país inteiro.

Quinze universitários chegam a Angicos para tirar do escuro aquela gente. Voluntários, sacrificaram as férias e o conforto de Natal para começar o processo revolucionário da educação. Vieram ao sertão para ajudar a salvar o Brasil com honestidade. Convocaram os alunos e explicam que é possível ler e escrever com apenas 40 horas de aula e sem cartilha. Integraram-se no grupo, ouviram seus problemas, recolheram o vocabulário da região, instalaram as salas de aula nas casas maiores, trouxeram cadernos, lápis, lampiões e querosene e também ânimo e a verdadeira esperança.

Em Angicos, no Rio Grande do Norte, 300 trabalhadores foram alfabetizados em 40 horas. Esta experiência tornou o nome de Paulo Freire conhecido em todo o Brasil. Os resultados positivos do trabalho desenvolvido pelo educador repercutiram em Brasília e, em 1963, Paulo de Tarso convida Paulo Freire para coordenar o Plano Nacional de alfabetização. Dos 76 milhões de habitantes do Brasil, naquela época, mais de 17 milhões eram analfabetos.

**PAULO DE TARSO SANTOS (Ministro da Educação, Governo João Goulart):**

" Em 1963, eu que era então Deputado Federal, fui convidado pelo presidente João Goulart para assumir o ministério da educação. Ao aceitar o convite, a minha primeira preocupação foi com a composição do núcleo central que acessoraria o ministro. Como parte dessa iniciativa, eu telefonei para o senhor Paulo Freire que se encontrava em Recife. Tenho que dizer que eu já conhecia sua experiência realizada em Angicos e que teve repercussão

nacional. Então o professor Paulo Freire veio a Brasília e, na conversa que teve comigo, inclusive, interrogou-me se era pra valer o convite. Essa advertência, é hoje conhecida porque ele a repete sempre. Eu disse que sim, que era pra valer. Ele disse: então eu aceito o convite ministro."

O plano de alfabetização do governo Goulart pretendia erradicar o analfabetismo do país. Seus primeiros passos foram dados com sucesso em Brasília. Os setores conservadores, porém, o atacaram rudemente, chamando-o de instrumento perigoso do credo vermelho.

**JOSÉ CARLOS BARRETO** (Educador):

" Toda educação é um ato político. Não existe educação neutra. Quando se faz educação, se faz educação a favor de alguém. E, numa sociedade de classe, fazer a favor de alguém, significa também fazer contra alguém. Por exemplo, quando se faz uma educação desveladora da realidade, que mostre o que está oculto nesta realidade, se está fazendo uma educação que ajuda a transformação do real, da realidade.

Ora, isto favorece àqueles que estão sendo oprimidos por essa realidade. A estes interessa transformar essa realidade. Mas, ao mesmo tempo, esta educação desveladora da realidade, não favorece àqueles que se beneficiam com a realidade, que não tem nenhum interesse em que esta realidade se transforme. Portanto, o educador não pode fugir da alternativa: Ou ele trabalha a favor da transformação da realidade, ou a favor da manutenção da realidade. E, não podendo fugir desta dupla alternativa, ele estará fazendo sempre uma educação política a favor de alguém e contra alguém."

Os ataques ao trabalho de Paulo Freire estavam associados ao medo que os militares e os setores conservadores da sociedade tinham das mudanças estruturais anunciadas pelo presidente Goulart. Muitos intelectuais estavam engajados em projetos que estimulassem a participação popular para mudanças estruturais na sociedade.

Em 31 de março de 1964, os militares, através de um Golpe de Estado, depuseram o presidente João Goulart. O Golpe teve o apoio dos Estados Unidos, de amplos setores da classe média e do empresariado. Na visão dos militares estava garantida a paz no país. Começaram então as perseguições e prisões de pessoas ligadas ou suspeitas de participarem de atividades subversivas pelo exército. Um dos primeiros atos dos militares foi o de revogar o decreto que instituía o plano nacional de alfabetização do Ministério da Educação. Vários intelectuais foram presos. Entre eles, Paulo Freire, que ficou detido durante 70 dias.

#### PAULO FREIRE:

" Eu me lembro, por exemplo, quando eu fui preso pela primeira vez, e que tive que atravessar uma rua. Eu estava parado em frente ao quartel onde eu tinha que ser metido e estava havendo tráfego pra cá e pra lá e então eu fiquei parado com o sargento e o soldado, cada um com uma metralhadora em cima de mim. E eu ficava, inclusive, espantadíssimo. Eu dizia: Esse pessoal deve saber coisas de mim que eu não sei. Quer dizer, esse pessoal deve ter informações de que vivo, eu sou um líder extraordinário, que eu devia ter feito a revolução antes de ontem nesse país. Então são loucos, loucos varridos, entende? Então como é que um cara como eu, um professor, humilde, simples, precisava de um aparato daqueles em cima de mim. Era

muito fuzil para um cara só. Então, eu me lembro parado assim, cercado de bala por todos os lados. Você já imaginou? Que coisa ridícula, profundamente ridícula!

O pessoal que passava nos ônibus e me reconhecia, numa cidade pequena, olhava

assim com uma cara de pânico e de espanto e eu ficava todo assim. Sabe o que me entumava? É que a minha compreensão de ser preso tinha a ver com assassinato, estelionato, roubo, essas coisas. Então, eu não podia me conceber preso, entende? Na minha posição, um cara decente, um cara sério, um professor, não batia em mulher, e se batesse não era preso por isso, era preso por causa do BA, BE, BI, BO, BU crítico do que porque batesse na minha mulher. E assim pode ficar: bate e fica solto, entende?

Agora, depois lá dentro, na cadeia, eu refletia e dizia: puxa! Meu espanto da prisão é o espanto da classe social. Eu encontrei camponeses presos que não tinham espanto nenhum. Riam porque prisão pra ele é óbvio, faz parte da vida que ele tem. Então eu aprendi muito. Não cabe aqui fazer a descrição dos meus aprendizados, mas eu aprendi muito. E eu até diria a vocês que foi este aprendizado da cadeia que em muitos aspectos me preparou para a vida fora do Brasil. Quer dizer, o exílio em muitos sentidos, se forjou na cadeia."

Para escapar da perseguição dos militares que fecharam todas as portas à continuidade de seu trabalho aqui no Brasil, Paulo Freire parte para o exílio. Em território chileno, ele escreveu: *Pedagogia do oprimido*, seu livro mais conhecido, editado em mais de 20 idiomas.

Lecionou durante um ano na Universidade de Harvard e trabalhou no Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas na Suíça, a convite da entidade. Por intermédio do Conselho, Paulo vai à África. Uma das experiências mais emocionantes vividas pelo educador, está registrada no livro *Cartas a Agnebissal*,<sup>?</sup> que retrata o trabalho de alfabetização realizado por ele naquele país.

**PAULO FREIRE:**

" Eu fui pra Bolívia, houve um Golpe de Estado lá e eu fui para o Chile. Fui sem Elza, sem os meninos. Em primeiro lugar eu passei um tempo duro. Uma vez eu levei 2 meses sem correspondências da Elza. Ela mandava, punha a carta no correio, a carta não chegava. As minhas não chegavam. Uma malvadeza desnecessária. Porque eu acho que, às vezes, o sujeito tem uma malvadezinha necessária para fazer, mas há umas desnecessárias, não? E aí eu começo a aprender no exílio, em primeiro lugar, a conviver longe do país. E aí eu começava a dizer, eu sempre pensei que diante de um certo problema e em uma certa situação, o que você tem que fazer é aprender com as positivities e as negatividades da situação. E, para mim, eu sempre recusei choramingar, eu sempre recusei lamentar-me, eu sempre recusei ter pena de mim. Não vergonha da minha dor, mas ter pena da minha dor. Ter pena de mim porque me dói a vida, nunca! Eu não aceitei. Na morte da Elza eu jamais aceitei 10 minutos de ter pena de mim, entende? E nem ter raiva porque ela morreu, mas sofria prá burro. Mas procurei sempre aprender do sofrimento, aprender do gozo, entende? Aprender de tudo! Então o exílio foi uma das grandes oportunidades de aprendizado pra mim. As diferenças culturais, por exemplo. A forma de andar, a forma de dizer bom dia, o gosto da comida.

Tudo isso é cultura! E você tem de um lado que cultivar isso, mas do outro você tem que superar certas exigências maiores da sua cultura.

No Chile, eu recém chegado, um dia saio com um companheiro chileno e ponho a mão no ombro dele bem a meu jeito, e ele se sente mal, dá um trejeito no corpo e olha pra mim e diz: Paulo, no Chile um homem não põe a mão no ombro de outro homem. Eu disse: Olha, muito obrigado, eu não sabia, mas eu te agradeço. Quando foi mais tarde, tomei meu ônibus para ir para casa, fui pensando no ocorrido e dizia a mim mesmo: Puxa, falta alguma coisa a uma cultura que rejeita um gesto afetivo. Anos depois, eu vou à África pela primeira vez e vou dar um curso na Universidade de Darr em Salaã na Tanzânia e fiquei maravilhado porque chego e encontro um campus da Universidade cheio de mangueiras, cheio de cajueiros e tudo florido, ou florando e com um perfume. E, no intervalo da primeira aula, eu saio passeando no campus com um professor tanzaniano que estava no curso e, de repente, ele agarra na minha mão e faz assim com a minha mão (ele entrelaça os dedos) e fica balançando assim, no jardim e eu feito doido, entende? Eu pensei, meu Deus do céu, se um recifense passa por aqui agora vai dizer que Paulo se degenerou completamente. E eu não concordaria com essa análise mas, afinal de contas, eu estranhava lá dentro de mim mesmo, estava havendo aquela resposta "macha", não? E como é que homem pega na mão de homem. E, mais adiante, eu tenho impressão que ele quis tirar o cigarro dele e soltou minha mão e eu meti as duas mãos nos dois bolsos, uma cá outra cá, para não dar mais chance a pegar na minha mão, entende? E quando fui para casa, eu disse: É, realmente há alguma coisa errada na minha cultura que não permite um gesto afetivo. Quer dizer, a mesma coisa. Então, vocês não imaginam o

quanto eu aprendi num segundo momento dessa prática, dessa experiência do corpo, do toque do corpo e aí eu me curei, não? Me lembro que anos depois, 2 ou 3 anos depois, eu fui à Índia e passei mal, quase morro com uma infecção provocada por um inseto e tive 40°C de febre, com assistência médica diária, com enfermeira dentro do meu quarto o dia inteiro, 24 horas, um negócio muito sério. E eu me lembro que o médico pegava na minha mão, alisava a minha mão, entende? E dizia: Doutor Freire, não se preocupe, eu vou deixar você vivo de novo, bom, com saúde - alisando a minha mão e eu não sentia nada mais, estava completamente curado, entende?

Eu tive no exílio e antes do exílio e depois do exílio uma experiência do chamado lar. É muito harmoniosa nas contradições, porque eu acho também que é outra mentira que um casal diga que vivem 8 anos juntos, 6 anos juntos e que nunca divergiram. Esse cara deve ser um santo, também não deve fazer amor. Eu acho que não dá não sendo gente, só um anjo. E como eu não sou anjo e Elza também não era, a gente divergiu. Por 42 anos a gente viveu fundando uma vida de amor, sem hiatos, mas com, às vezes, tristeza, às vezes dura dos dois, com mágoas possivelmente dela de mim e não minhas dela. Puxa, às vezes, eu até que quase sentia depois da morte da Elza certos momentos de culpa e que eu preferia não ter, porque não tinha o porquê. Porque afinal de contas, vivemos bravamente os dois, criando um mundo de alegrias, junto com os filhos que nós trouxemos para o mundo. E eu sempre digo que nós trouxemos para o mundo os filhos que puderam chegar porque houve outros que se atrapalharam no caminho e não chegaram. Mas trouxemos os cinco para o mundo, três mulheres e dois homens como resultado de lindos atos de amor. Nenhuma filha minha, nenhum filho meu e de Elza veio ao mundo por

acaso, veio ao mundo depois de uma enorme noite de amor. Nós soubemos amar, nós amamos com coragem, nunca aceitamos a burocratização do sexo nosso, de fazer amor às segundas e quartas às 10 horas da noite e, no dia que comer feijoada não pode fazer amor, nada disso! Fazer amor nunca matou ninguém na história. Pelo contrário, recria a gente, refaz a gente, amacia a gente, sem tirar da gente a força da briga, a força da coragem.

É preciso deixar claro que tudo isso que eu falei, muito eu eu eu, no fundo era nós nós nós. Sem a Elza, no exílio, dificilmente eu poderia estar falando como falo hoje. A Elza foi a força, uma das grandes forças que eu tive mesmo no tempo da cadeia. Eu trabalhei enormemente no exílio. Por isso, pude me preocupar com o Brasil. A outra coisa que o exílio me deu foi a possibilidade de andarilhar pelo mundo e, portanto, me confrontar com outras culturas, as mais diferentes.

Por exemplo, uma emoção enorme que eu sempre tive foi chegar em uma cultura distante da minha e me ver lá, estudado e aplicado. Eu me lembro, por exemplo, de uma semana que eu passei na Índia, numa outra ocasião, e com um grupo de 25 educadores de diferentes estados da Índia que tinham estudado durante meses meus livros e que estavam aplicando nos seus países em diferentes áreas. Trabalho com o camponês, trabalho com os operários urbanos, trabalhos em universidades. Durante os oito dias de reunião, a gente discutia a prática deles, fundada nos meus livros. Então, vocês podem imaginar, o que significava, o que significa para um autor isso."

Já não havia mais fronteiras para a pedagogia de Paulo Freire. As idéias do educador atraíam a atenção de todo o mundo. Na igreja começava a

se ouvir sobre a teologia da libertação que tinha muita semelhança com os conceitos levantados pelo trabalho de Paulo Freire.

ANA FLORA ANDERSON ( Evangelizadora - Comunidade de Base - SP)

" O método de Paulo Freire à sua pedagogia, tem influenciado muito no trabalho da igreja, nas comunidades de Base, nas escolas de ministérios. Eu acho que a inspiração de Paulo e a inspiração dos teólogos de libertação tem a mesma raiz. É o respeito pela vida do povo. Paulo vê toda a educação nascendo da vida, das lutas, da experiência do povo. A teologia da libertação vê exatamente a mesma coisa. Toda a teologia é resposta a perguntas e a teologia depende de quem vai fazer estas perguntas. Na teologia da libertação nós temos tentado usar o próprio método de Paulo. Deixar o povo fazer a descoberta da vida e, descobrindo a vida, encontrar a sua experiência de libertação total."

A prática pedagógica de Paulo Freire é baseada em experiências adquiridas junto ao povo. Na opinião do educador, não é possível se realizar um bom trabalho sem que as pessoas envolvidas tenham uma participação ativa.

MADALENA FREIRE (Educadora):

" O papel do educador a meu ver, o papel do professor, dentro desta concepção da educação, desta pedagogia, tem três ingredientes básicos: ele é - este educador, este professor - um leitor da realidade do educando. Dessa realidade em que ele, juntamente com o educando está inserido. Ele é um leitor que pratica instrumentos metodológicos sistematicamente no seu dia a dia, no seu cotidiano. Instrumentos metodológicos como a observação, o olhar a realidade. Para olhar a realidade ele tem que ter uma reflexão constante,

permanente. Essa reflexão o leva sempre à teoria, a uma avaliação e a um planejamento cotidiano da sua prática pedagógica. É a partir dessa observação, dessa leitura da realidade que ele fundamenta a sua intervenção pedagógica que, por sua vez, alicerça o ato de conhecer, o ato de aprender."

**CELSO BEISEGEL (Educador):**

" Enquanto autor de uma proposta pedagógica global, Paulo Freire tem e seguramente continuará tendo uma importância muito grande no desenvolvimento dos estudos das mais diferentes disciplinas da educação. A partir do estudo das propostas de Paulo Freire, é possível enriquecer os conteúdos de disciplinas como currículos e programas, avaliação educacional, didática. Paulo Freire seguramente terá importância no desenvolvimento nos estudos nas mais diferentes disciplinas da área da educação."

A projeção internacional do educador não sensibilizava o governo militar brasileiro. O processo que o acusava de subversão tinha sido arquivado em junho de 1968. Mesmo assim, somente no final de 1979, com o então chamado processo de abertura, Paulo Freire retorna a seu país. Recebe, então, o carinho do povo e de toda sua família.

Em 1986, um triste golpe atinge a vida do educador. A morte de Elza Freire, sua companheira.

**PAULO FREIRE:**

" Mas a Elza morreu e, quando a Elza morreu, é óbvio que um cara que amou desse jeito, quando morreu a pessoa que ele amou, morreu nele e com ele um bando de coisas. Inclusive morreu a vontade de viver. E eu me lembro, vocês vejam que a coisa não é fácil de recuperar, e que só hoje eu me sinto disponível a escrever e a dar aula. Só agora! E eu não tenho dúvida nenhuma

de que isso só está ocorrendo por causa de Nita. Nita então é outra mulher. Quer dizer, você deve dizer: Pôxa, para ti deve ser difícil viver sem mulher. É impossível, não é difícil! É impossível. O problema meu é saber que mulher é. Quem é ela.

E aí eu descubro Nita, de quem eu era o orientador de tese. Ela fazia uma tese linda comigo. Ela escrevendo e não eu, claro. E um dia eu descobri que a Nita era mais ou podia ser mais do que vinha sendo: uma grande amiga nossa, uma grande amiga de Elza. Uma ex-aluna minha quando era menina, tinha 14 anos. E aí eu me enamoro da Nita e ao me enamorar da Nita eu me reenamoro do mundo. Quer dizer, a Nita me traz o mundo de novo. Então, no momento eu diria a vocês que a minha vida deve enormemente a Elza e, no momento do silêncio da Elza, a minha vida começou a dever enormemente à palavra de Nita."

NITA :

" Amar segunda vez, amar depois de uma certa idade tem sido difícil. Mais difícil do que amar tem sido proclamar esse amor. Então, vejam bem, eu acho que para mim e para Paulo tem sido muito fácil proclamar esse amor. E por que tem sido muito fácil? Tem sido muito fácil pela capacidade que Paulo tem de dialogar, de falar todos os dias e de falar sempre sobre todas as coisas. Paulo faz filosofia e é engraçado. Em uma das conversas muito íntimas ele faz filosofia sobre o amar, conversando comigo sobre o prazer, sobre o gozo, sobre o orgasmo. Mas Paulo fala também sobre todas as coisas simples. Chega em casa e conta: Olha, o trânsito foi assim, a aula foi assim, encontrei tais pessoas, vi as flores, a cidade estava difícil, eu me cansei. Quer dizer, sobre essas coisas simples do cotidiano. Então fica muito fácil que a gente

viva, quero dizer, eu viva com um homem que tem uma sensibilidade que vai tornando a gente dia a dia mais viva. Através de quê? Do diálogo."

A importância do trabalho de Paulo Freire é um fato reconhecido internacionalmente. A sua pedagogia é aplicada em inúmeros países. Apesar da dimensão de seu trabalho, Paulo Freire, em nenhum momento, esqueceu-se de suas raízes nordestinas e do compromisso de fazer de sua pedagogia um instrumento na defesa e na libertação dos oprimidos, onde quer que eles estejam.

**PAULO FREIRE:**

" Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Eu amo as pessoas e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade."